

A natureza e o homem integral na poesia de patativa do assaré

Carlos Gildemar Pontes

gilpoeta@yahoo.it

Carlos Gildemar Pontes fala sobre Patativa do Assaré, um dos ícones da cultura brasileira, com quem teve oportunidade de conversar diversas vezes e de quem acredita ter reaprendido a ver o mundo e dar um novo rumo à sua poesia. Escritor: Poeta, ficcionista e Ensaísta. Professor de Literatura da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em Cajazeiras. Graduado em Letras pela UFC. Mestre em Letras UERN. Doutorando em Letras UERN. Curso de Francês pela Cultura Francesa da UFC. Editor da Revista Acauã e do Selo Acauã. Tem 22 livros publicados e oito cordéis. É traduzido para o espanhol e publicado em Cuba nas Revistas Bohemia e Antenas. Vencedor de Prêmios Literários locais e nacionais. Foi indicado para o Prêmio Portugal Telecom, 2005, o principal prêmio literário em Língua Portuguesa no mundo, com o livro *Os gestos do amor*. Ministra Cursos, Palestras, Oficinas, Comunicações em Eventos nacionais e internacionais. Faixa Preta de Karate Shotokan 3º Dan. Coordena o Grupo de performance poética Verso ao Vento. Coordena o Projeto de Extensão Karate Campeão da UFCG.

Patativa do Assaré representa, no universo literário brasileiro, um dos escritores mais importantes. Poderia dizer isso com qualquer escritor inserido no Cânone da Literatura Brasileira e teria a mesma equivalência, mas por que Patativa não figura nos livros de historiografia literária? Há algumas explicações que já não se aceitam mais em plena era da informação instantânea. O problema passa a ser dos que fazem o cânone e não conseguem se libertar dos fatores regionais, eruditos e sistêmicos como propõem os manuais de teoria copiados dos modelos estrangeiros.

Devido à sua origem roceira, humilde, sertaneja, Patativa foi relegado a um plano marginalizado dentro deste cânone estagnado em métodos de aferição a partir dos autores do eixo Rio-São Paulo. Nascido na Serra de Santana, distrito de Assaré, no Ceará, Patativa não só estava distante do centro de poder acadêmico, localizado coincidentemente na região sudeste, que detém o domínio econômico, mas integrava um universo cultural que somente há alguns anos tem se dedicado a estudar autores periféricos e separados culturalmente pela barreira que separa erudito de popular. A Cultura Popular passou a designar toda cultura não erudita, não acadêmica e atribuída às camadas pobres da sociedade. Isso, por si, já necessita de uma revisão conceitual, pois se quisermos analisar a obra de arte pelo fator estético, qualquer outro valor perde a sua referência conceitual.

Por falar em Cânone, já se tornou rotineiro em trabalhos acadêmicos sobre Cultura Popular algumas definições de Cultura, das suas diferenças e de seu alcance, assim como a citação de teóricos, notadamente os estrangeiros, sobre o assunto. É como se nós, criadores e vivenciadores de um determinado espaço cultural precisássemos validar nosso modo de praticar uma cultura à

luz de um saber elaborado e institucional de outro povo, supostamente mais sabido. Ao fugir desta perspectiva conceitual, proponho uma leitura dos poemas de Patativa do Assaré, tomando por base uma definição de poesia que está intrinsecamente ligada ao seu fazer poético. A observação atenta da natureza aliada à agilidade mental e à sensibilidade ao descrever os fenômenos que geram a poesia.

Nem eruditos nem populares, os poetas não precisam ser rotulados por uma definição ideológica que os filie a uma percepção estética. Como fugir deste impasse de classificação? Talvez, a revisão conceitual de cultura e de identidade desvinculadas do sociologismo e mais voltadas para uma percepção natural de leitura do mundo cognoscível, em que autores e leitores desfrutem de um saber comum, possa redimensionar o cânone, as antologias e a importância dada a tão poucos autores.

Mesmo por que a tradição literária brasileira não privilegia a poesia dita popular, a poesia feita nas camadas populares da sociedade, que tem uma forma própria de existência. Então, a poesia de Patativa se enquadraria dentro de um universo literário brasileiro mais amplo, mas não canônico. Portanto, infelizmente, dentro da concepção de literatura brasileira que se tem na Academia, nos livros didáticos, a obra de Patativa ainda aparece como uma coisa um tanto exótica, uma novidade, e não uma poesia encorpada, embasada nos valores tradicionais da métrica e da rima. Ela é vista dentro de uma concepção de mundo calcado no interior, no sertão. E essa poesia precisaria estar dentro da Academia, dentro dos livros didáticos para que o Brasil pudesse conhecê-la e se reconhecer.

Quando Patativa surgiu para o mercado editorial já era conhecido no meio popular como repentista, cordelista

e poeta de feira, que cantava e recitava sua poesia em locais públicos de grande movimento e em festas nos sítios. Mas o olhar da academia só lhe viu próximo dos seus 70 anos, quando já tinha escrito e consolidada a maior parte da sua obra. Essa omissão dos que validam e vivem a vaidade acadêmica é típica de sociedades periféricas e de intelectuais papagaios que forjam um conhecimento já fundido em outras culturas. Em sociedades tidas como centrais ou matrizes, centralizadoras de um saber acadêmico e teórico, artistas, intelectuais e filósofos surgem mais cedo, caso dos franceses e alemães, que discutem seus pensadores já na origem de sua produção. Desconheço alguém que se diga Rosiano, Graciliânico, Drummondiano, Patativano, Suassunano sem, antes, se definir como Foucaulteano, Saussureano, Marxista, Freudiano etc. Então, quando leio Graciliano citando Lukács estou lendo ou atribuindo a Lukács a primazia de um conhecimento que devo aplicar à leitura (Lukacseana) de uma obra?

Mas é a academia que me cobra citações. Há dissertações e teses que mais parecem colcha de retalhos de filiações cegas ao pensamento de outrem, que se repassam em segunda mão. O poeta é quem mais sofre nesta relação com o mundo acadêmico das analogias e citações por que, na origem, o poeta vê o processo e o resultado da arte como uma engrenagem inseparável, pois sabe, de ofício, o modo de pensar e fazer.

Patativa tem características que são peculiares ao modo de vida matuto, da roça, do pé de serra, das estiagens prolongadas, de sofrimento pela exploração, tudo isso mediado por uma poesia de quem foi cantador de viola, repentista, depois passou à poesia escrita. Como agricultor, homem voltado para as coisas do campo, tendo a sua subsistência tirada exclusivamente do campo, do sertão no caso, saía como todos os agricultores, de manhã bem cedo,

para a lavoura, com sua enxada nas costas e um surrão com um punhado de farinha, rapadura ou carne seca, que seria o tradicional, e capinava o dia todo, montava roça. Passava o dia todo arrancando toco, tentando organizar uma lavoura, às vezes em terrenos íngremes. Esse tipo de trabalho era muito cansativo e o poeta tentava preencher a mente para que ela não ficasse desocupada.

O Poeta desenvolveu uma capacidade de observação extraordinária de tudo aquilo que estava ao seu redor e transformou essa observação em poesia. Ele apreendia a realidade criando e, ao mesmo tempo, memorizando versos numa espécie de monólogo interior. E assim passava toda a manhã e parte da tarde, compondo seus poemas. Ao final do dia, Patativa teria feito 3, 4, 5 sabe-se lá quantos poemas, e memorizado a todos, o que fez com que tivesse exercitado a sua memória de forma prodigiosa. Como precisava expressar sua poesia para os seus confrades, os amigos, seu povo, muitas vezes tinha que adaptar essa linguagem à linguagem falada pelo povo, daí a linguagem dita matuta ter sido grafada em alguns poemas. A linguagem matuta da poesia nada mais é que a linguagem falada pelo povo matuto, desprovida de escolaridade e/ou correção gramatical, avesso ao padrão que a gramática chama de correto.

No poema “Vida Sertaneja”³¹, Patativa dirige sua voz aos seus e sabe que haverá identificação da sua poética com o modo de vida do povo.

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre

31. Os poemas foram extraídos de ASSARÉ, Patativa do. Melhores poemas Patativa do Assaré. Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Melhores Poemas, Direção Edla Van Steen).

Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzuada
Da quintura do sertão
(ASSARÉ, 2006, p. 152).

Ao se colocar como um ser igual aos seus pares, o poeta demarca um lugar comum de convivência e provoca a empatia necessária para que os trabalhadores da roça, da sua mesma lida, se identifiquem nas características que são comuns a todos os sertanejos pobres e sob as mesmas condições de vida.

A adoção de uma linguagem não erudita lhe rendeu críticas de alguns intelectuais que desconsideraram sua poesia exatamente porque explorava a expressão originária do povo. Houve um preconceito linguístico comum aos que desconhecem o papel da linguagem e, principalmente da arte, visto que a poesia de Patativa alcançava as pós-graduações de importantes universidades europeias, notadamente na França, e era estudada no Brasil nos grandes centros que estudam cultura popular.

O povo não fala “errado”, fala uma linguagem trabalhada em cima das suas necessidades de comunicação e de expressão, que a gramática tradicional feita por estudiosos da linguagem, linguistas, críticos literários e pessoas de uma formação universitária superior, elitizada, concebem completamente diferente daquela que é falada pelo povo. Portanto, nota-se uma discrepância entre um texto erudito e um texto popular, embora o que mais se acentua

seja o aspecto ideológico, de ligar a linguagem popular ao erro, à pobreza, ao feio, como se essa expressão fosse determinante de uma classe ou segmento social. E entre o texto erudito e um texto de poesia matuta é que se veem disparidades enormes com a grafia das palavras. Alguns linguistas defendem que o essencial é a comunicação. Recentemente, a linguística tem trabalhado no caminho que acredito seja o mais correto. Não adianta você ter o domínio da gramática e tentar escrever um texto a partir disto. Você vai fazer qualquer coisa de caótico ou de incompreensível dentro desses padrões. O que importa, realmente, e Patativa sabia disso, é que a poesia precisava chegar ao ouvido das pessoas da forma como elas falavam, uma expressão legitimamente matuta, o que em nenhum momento atrapalha ou prejudica a qualidade dos seus textos. Até de alguma forma dá certo charme à poesia esse falar matuto inserido dentro dessa sua forma de expressão.

Canto a vida desta gente

Que travaia inté morre

Sirrindo, alegre e contente,

Sem dá fé do padecê,

Desta gente sem leitura,

Que mesmo na desventura,

Se sente alegre e feliz,

Sem nada sabê na terra,

Sem sabê se existe guerra

De país cronta país

(ASSARÉ, 2006, p. 152-153).

E esses poemas ditos e depois escritos na linguagem matuta são de antes do seu abandono da viola, quando passou a se dedicar aos livros. É evidente que a transcrição para o “matutês” foi fruto de alguém que copiou ou do tipógrafo que montou os versos. O fato é que seria impos-

sível transcrever cada palavra com a exatidão que requer, pois a sonoridade que ela provoca está ligada à individualidade na fala de um poeta que entoava de acordo com o sentimento que queria provocar no poema.

Quanto ao aspecto estritamente formal, a poesia de Patativa é uma poesia dentro da mais rigorosa métrica e rima. Ao ser considerado um poeta que trabalha perfeitamente o nível formal da poesia, Patativa, nesse aspecto, deveria ser reconhecido ao lado de grandes poetas que também fizeram isso. No soneto, por exemplo, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos e José Albano eram poetas brasileiros que trabalharam bem a forma e talvez não tivessem a mesma facilidade que Patativa teve ao produzir seus poemas, uma vez que ele produzia sonoramente, falando o poema e exercitando esse poema até a memorização. É, pois, no nível formal que Patativa está entre os melhores cultores da poesia que se conhece.

Um exemplo magnífico do domínio da métrica e da rima está no poema “Ciúme”.

Tal qual a ave noturna quando agoura
Que até faz a criança apavorar,
O ciúme lhe fez não me entregar
O soneto que eu fiz à professora.

É bem livre e liberta a nossa loura
Como o pássaro que voa pelo ar,
Para a mesma prender e dominar
Tua força não é superiora.

Ciumento, egoísta, tenha calma
E não queira perder a sua alma,
É preciso saber que existe Deus.

Se, com manhas, trapaças ou enredos,
Eu não quero saber dos teus segredos,
Não procure também saber dos meus
(ASSARÉ, 2006, p. 24).

Ao lermos Patativa do Assaré, precisamos separar a figura do poeta originário, aquele que cria e produz o poema como um objeto estético, do poeta que fala em público, que é levado para apresentações em teatros e universidades e que dá entrevistas. Esse poeta exposto à mídia e ao culto carrega máscaras que atraem máscaras teóricas para definir a sua poesia originária. Não que a poesia não esteja eivada de ideologias, filosofias, sociologismos. Em essência, ela sempre carregará o peso do seu tempo histórico. Mas ao ser lida num ato político ou num ato acadêmico, ela carregará os sentidos a que se destinam os atos, muitas vezes rotulando a estética a uma dimensão política. E aí, por vezes, vemos um poeta rotulado como social, defensor de causas e atrelado a circunstâncias temporais, que faz uso das circunstâncias para definir uma luta política. Patativa nunca fugiu dessa luta, mas sempre transcendeu a ela, pois sua verve poética é universal e atemporal. Por isso, julgamos importante diferenciar o poeta esteta do poeta artista, em público. Um texto sobre reforma agrária, de cunho político, revela a universalidade da pobreza do sertanejo sem terra para produzir e obrigado a servir a um senhor sem pátria e sem humanidade.

Eu quero o agregado isento
Do terrível sofrimento
Do maldito cativoiro
Quero ver o meu país
Rico de tudo e feliz,
Livres do julgo estrangeiro.

A bem do nosso progresso
Quero o apoio do congresso
Sobre uma reforma agrária,
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária
(PONTES, 2018, p. 15).

É uma denúncia contra o latifúndio improdutivo, o capitalismo selvagem e os donos do poder político e econômico. O mesmo poeta, distante dos rótulos e das cercas, ao definir a terra como parte integrada da natureza, observa quão exuberante é sua harmonia e canta, com encantamento, a certeza de ser parte dela. Então, o poeta social e o lírico são o mesmo. Lado a lado, por uma humanidade acessível a todos.

Depois que eu o vi e ouvi pela primeira vez. O outro passo foi ler Cante lá que eu canto cá. Fiquei maravilhado. Eu conheci Patativa na comemoração dos seus setenta anos, eu era estudante de Letras na UFC, em Fortaleza, e houve a comemoração do aniversário dele com a apresentação de um grande recital no teatro José de Alencar. Como estudante de Letras e membro do Centro Acadêmico do curso, que levava o nome do poeta, uma homenagem justíssima a Patativa do Assaré, fui ver a sua apresentação. Isso foi em 1982. Patativa lotou o teatro José de Alencar, que é um dos teatros mais belos do Brasil, e ele não conseguia recitar mais do que duas estrofes seguidas, porque era interrompido por aplausos e mais aplausos. Foi o primeiro contato que tive com ele.

Logo depois, em diversas ocasiões, em Fortaleza, eu sempre procurava assistir às suas apresentações e tirava foto com ele para registrar aquele momento como um

momento brilhante em minha vida, e tive vários momentos com ele. Quando fiz concurso para a Universidade Federal da Paraíba, em Cajazeiras, e comecei a lecionar lá, coordenei um projeto de extensão chamado “Encontro com a literatura”. Era um projeto que trazia escritores de outros estados para dar palestras na universidade e, num desses encontros, levei Patativa, em 1994, 1995, por aí. Levei Patativa quatro vezes, quer dizer, uma das vezes não foi propriamente por meu intermédio, mas por minha intermediação, pois sabiam que eu estava ligado a ele, e daí surgiu esse contato mais estreito entre nós. Um belo dia, resolvi fazer uma grande homenagem a Patativa, entrevistando-o para Revista Acauã³². Eu tive sorte, pois me parece que foi a última entrevista que ele deu em vida. Ele já estava muito cansado, já tinha perdido a sua mulher, a Dona Belinha, e mesmo assim ele foi muito cordial, recebeu a equipe da revista com muito carinho, com muita singeleza e muito humor, fizemos uma excelente matéria em vídeo sobre o Memorial Patativa do Assaré, que também é uma das instituições culturais mais importantes que se tem no Nordeste e precisa ser visitada, conhecida e divulgada. A gente foi saber e ver de perto aquele universo onde nasceu, morou, viveu e desenvolveu aquela poesia que me fez tanto bem como escritor hoje. Foi emocionante para mim, que estava entrando no universo da literatura brasileira tradicional, conhecer Patativa do Assaré e vê-lo ser ovacionado, aclamado por um público que reconhecia o talento de um grande poeta. Eu tive um novo rumo até mesmo na minha concepção de mundo, a partir daí.

Patativa é um dos pilares da cultura brasileira. Nós temos de igual grandeza nomes da cultura: Aleijadinho,

32. Essa entrevista foi publicada na Revista Acauã e no livro Cultura popular: meios formas e identidades, com artigos de vários pesquisadores da Cultura popular, filiados a diversas IES.

na escultura, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Aldemir Martins, na pintura, Lúcio Costa e Oscar Niemayer, na arquitetura. E Patativa do Assaré figura lado a lado na poesia brasileira de autores como Castro Alves, Manuel Bandeira e de ficcionistas, como Machado de Assis, José de Alencar. Não faria distinção de qualidade entre esses escritores.

Patativa é uma referência para mim. Consolidou alguns valores que eu vinha há muito tempo trabalhando na minha concepção de mundo, como escritor. Olhar a natureza com olhos poéticos é para poucos. Um dos trechos que reputo como dos mais belos da poesia brasileira está no poema “Cante lá que eu canto cá”. O poema é, dizendo rapidamente, uma amostra do seu sertão, do sertão belo, depois das chuvas, mas que também é triste quando não chove, e das diferenças desse sertão para a capital, onde tudo é dinâmico, rápido, movido pelo progresso, pela tecnologia, e o poeta tenta mostrar como a poesia pode ser vista como um método, em versos assim...

Repare que a minha vida
é deferente da sua
a sua rima pulida
nasceu no salão da rua
já eu sou bem deferente
meu verso é como a semente
que nasce inriba do chão
não tenho estudo nem arte
a minha rima faz parte
da obra da criação

mas porém eu não invejo
o grande tesôro seu
os livros do seu coléjo

onde você aprendeu
pra gente aqui ser poeta
e fazê rima compreta
num precisa professo
basta vê no mês de maio
um poema em cada gaio
e um verso em cada fulô
(PONTES, 2018, p. 22/23).

A poesia de Patativa é uma poesia que considero engagé. Num sentido de engajamento profundo com os elementos da natureza e com as formas de luta pela libertação do homem. Uma poesia representativa não somente do que está ao seu redor, mas traduz o homem em toda sua essencialidade, talvez esse seja o aspecto mais importante da sua obra, expressar o homem integral, independente de estar no sertão, em Paris, Londres, São Paulo, o homem, de alguma forma, oprimido, o homem dentro do pequeno lugar onde mora. O homem integral, na poesia de Patativa, tem os mesmos problemas em qualquer parte do mundo. Essa expressão do homem integral foi a maior descoberta que eu fiz na obra de Patativa do Assaré e passo isso adiante, pois acredito que Patativa continuará sendo debatido e vai galgar o lugar de honra dentro da poesia brasileira como uma das maiores ou senão a maior expressão da poesia nacional.

Referências bibliográficas

ASSARÉ, Patativa do. **Melhores poemas Patativa do Assaré.** Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Melhores Poemas, Direção Edla Van Steen).

ASSARÉ, Patativa do /ALENCAR, Geraldo Gonçalves de (Orgs.)

Balceiro: Patativa e outros poetas de Assaré. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1991.

PEREIRA, Sarah Meneses. **De poeta para poeta: Patativa do Assaré, o homem, o mito, o poeta.** In: PONTES, Carlos Gildemar (Org.) *Cultura popular: meios, formas e identidades.* Cajazeiras: Editora Gráfica Real, 2018, pp 35-47.

PONTES, Carlos Gildemar (Org.) **Uma lenda viva na poesia brasileira.** In: _____. *Cultura popular: meios, formas e identidades.* Cajazeiras: Editora Gráfica Real, 2018, pp 11-33.

REVISTA ACAUÃ. Fortaleza-CE/ Cajazeiras-PB - Ano V - dez. 99 a mar. 2000, nº 5.